

MICROLIÇÕES DE ARTE GRANDES APRENDIZADOS

Macro. Essa é a inevitável classificação que, num jogo de palavras, se pode atribuir ao *Microlições de Arte*, projeto da Divisão Educativa do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). Pois grandes são as lições apreendidas por todos que têm contato com as atividades desenvolvidas por essa iniciativa que se propõe, nos últimos sábados de cada mês, a despertar em crianças e adultos um pensamento reflexivo sobre arte e cultura, encaminhando-os, assim, para uma maior compreensão das exposições e dos acervos que o museu recebe e abriga. O objetivo é possibilitar “uma diferenciada integração com o espaço interno e externo do MAMM”, como explica o coordenador do projeto, Vinícius Steinbach.

Com título inspirado pela obra muriliana, o projeto bebe da ideia do livro *Poliedro*, de Murilo Mendes, em que o autor, na seção “*Microlições de Coisas*”, dedica-se a

Enquanto elas se divertem em atividades que também se revelam educativas, os adultos conhecem as obras e os acervos do museu, podendo interagir com os monitores de forma aberta e dialógica. Ao final do dia, se juntam novamente aos pequenos, geralmente seus filhos, para que integrem o conhecimento obtido e construído, durante as ações poéticas, numa oficina prática. Para Ana Luzia, estagiária do setor, o projeto é uma maneira de estimular as pessoas. Ela acredita que “o museu não é fechado, sério”, pois observa que o *Microlições de Arte* ajuda na “formação de opinião e no desenvolvimento de uma visão crítica sobre arte, sensibilizando o olhar e criando novas experiências”. Formada em Artes, Ana acrescenta que a compreensão de movimentos artísticos e das obras ajuda em questões sociais que contribuem para a vida da criança e até mesmo do adulto.



NESTA EDIÇÃO

PROJETOS
OPORTUNIDADE PARA
TALENTOS

FÉRIAS
CULTURA E
BRINCADEIRAS

PAPEL
FIBRAS DA HISTÓRIA

ENTREVISTA
O DIGITAL E A MEMÓRIA
SOCIAL

MURILO MENDES
PENSAMENTO ESTÉTICO



objetos que o olho do poeta corta da realidade e carrega de significados, buscando o invisível que se esconde atrás do visível. O projeto concretiza-se justamente na busca daquilo que não é aparente diante das exposições, uma vez que, comumente, as explicações acerca das obras de arte são complexas e teóricas, motivando questionamentos que podem ser traduzidos na falta de compreensão do objeto artístico e do movimento ou escola no qual está inserido. Esse cenário pode fomentar um tipo de preconceito cultural que afasta as pessoas dos museus.

Foi pensando em derrubar as barreiras que afastam as pessoas da arte, especialmente do MAMM, e tornar ainda mais conhecida a obra de Murilo Mendes, que o *Microlições de Arte* surgiu, procurando chamar a atenção das famílias e abranger outros tipos de público. Em uma tarde, as pessoas que se inscrevem no projeto, que é divulgado no site, e outras que visitam o museu, participam das oficinas e ações poéticas, desenvolvidas pelos integrantes e bolsistas da Divisão Educativa. Fernando Braidá, um dos monitores, explica que “as atividades são realizadas dentro das galerias e são focadas nas exposições. Com as crianças, são desenvolvidas atividades mais lúdicas, que as incitam a falar o que veem e o que sentem”, diz ele, salientando que se trata de um diálogo, de uma conversa que foge às apresentações tradicionais feitas no MAMM.

Para Vinícius Steinbach, isso é fundamental, pois a atividade lúdica é prazerosa e se revela um momento de lazer. Segundo o coordenador, as crianças exigem uma adaptação na linguagem e na utilização de termos técnicos. Trabalhar de maneira leve é primordial. No entanto, “não é infantilizar ou banalizar a obra de arte, é adaptar ao cotidiano delas, tentar propor questões relativas ao dia a dia das crianças”, orienta Vinícius, que acredita que esse trabalho seja a porta de entrada para o mundo cultural para muitas das crianças que participam do projeto.

Graduando de Teatro na Universidade Federal de São João del-Rei, Elielson Rodrigues afirma que o projeto proporciona um espaço prazeroso de aprendizado: “Foi muito agradável passar uma tarde no museu, realizando as atividades propostas. Me senti muito próximo da arte e do museu em si. Acredito que o *Microlições* tem esse papel de disseminar arte e cultura de forma tão singular e natural”, afirmou.



Outra participante, Claudia Nunes considerou a experiência fabulosa: “Tivemos uma abordagem muito ampla sobre as pinturas e a história de Juiz de Fora, finalizando com a obra e a vida de Murilo Mendes, interagindo com outros artistas e colocando o nosso olhar diante da arte”, avaliou.

O *Microlições de Arte* pretende, segundo Vinícius, criar uma rotina para o público que visita o museu nos finais de semana e ser multiplicador de boas ideias, já que seu primeiro objetivo é formar um público futuro a partir das crianças. Em julho, aconteceu a sétima edição do projeto, que vem se consolidando na máxima defendida pelo coordenador de deixar as “portas do MAMM abertas para todos”.

Jefferson Oliveira



PAPEL MEMÓRIA E CONSERVAÇÃO

A larga dimensão do papel como suporte faz desse instrumento um bom contador da história da humanidade. Essa característica é estabelecida principalmente pela capacidade de se restaurar as fibras que compõem o material, recuperando os registros que ele pode carregar por milhares de anos ou apenas alguns. A preocupação em assegurar que essas informações perdurem por longos períodos despertou a necessidade de se estabelecer o conceito e a atividade da restauração em papel, que hoje representa para o meio acadêmico e profissional muito mais que um trabalho artesanal. A intensa reflexão sobre a conservação desse material motivou 260 pessoas a participarem do Seminário de Preservação e Conservação em Papel, realizado no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) em junho.

Segundo Aloísio Castro, restaurador do MAMM e organizador do evento, a demanda serviu para mostrar que a discussão sobre a conservação não se encontra restrita ao eixo das grandes capitais. Além de palestrantes de renome na área, o seminário recebeu participantes da Zona da Mata e também do interior do estado do Rio de Janeiro. “Esse foi um dado muito sintomático; ficamos muito gratificados com esta amostragem quantitativa e esse mapeamento regional que realizamos por meio da ficha de inscrição”, ressaltou Aloísio.

Professor do Departamento de Química da UFJF, Antônio Carlos Sant’ana ressaltou que, no Brasil, como as demais áreas da cultura, a conservação vem crescendo como demanda de uma sociedade que busca cada vez mais qualidade de vida. Para ele, a preservação da memória, em

particular aquela registrada nos acervos em papel, deve ser de incentivada. “Devemos nos preocupar com a conservação dos registros da nossa história, pois foi pela experiência vivida que construímos nossa identidade social e cultural, da qual temos muito que nos orgulhar”, disse.

O seminário abriu campo para amplas discussões, das quais, se destacou a questão da regulamentação da profissão. Restaurador do Laboratório de Conservação e Pesquisa Documental da Universidade Federal de São João del-Rei e participante do seminário, Saul Ferdinando avaliou que pôde traçar um panorama da conservação e do restauro no Brasil, conhecendo o que tem sido feito e situando seu trabalho nesse conceito. “Também contribuiu para estabelecer contato com os profissionais da área, [proporcionando] uma troca de experiências, pois todo conhecimento adquirido é bem vindo, contribui para a preservação de nosso patrimônio, e todos ganhamos com isto.”

Outra questão emergiu de uma realidade da sociedade contemporânea – a informação baseada em suportes digitais. A tecnologia é mitificada como a melhor forma de armazenar arquivos, mas será que o conteúdo desses suportes supera a inexorável marcha do tempo? Sabe-se que um pergaminho de milhares de anos pode ser restaurado e decifrado, mas o mesmo não é verdadeiro quando se trata de informações codificadas no extinto formato do disquete. Convidada a falar sobre a palestra *Desafios contemporâneos à preservação de acervos documentais*, a conservadora Adriana Cox Hollós conversou com a equipe do *Palco* sobre o assunto. Confira a entrevista a seguir.

Luiza Marxiellen

ENTREVISTA DESAFIOS DO DIGITAL

Adriana Cox Hollós é doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT), em convênio com a UFRJ. Atualmente, assiste o Conselho Nacional de Arquivos (Conarq) na área da preservação documental, além de ser responsável pela revitalização da Câmara Técnica com o objetivo de implantar o Núcleo de Ensino a Distância do Conarq.

O que pode ser considerado acervo documental?

Tudo é documento. Vídeos, fotografias, manuscritos – enfim, o conceito de documento é muito amplo e abarca quase todo tipo de produção do homem.

O que podemos entender sobre preservação preventiva?

Na verdade, hoje eu estou mais voltada para a preocupação com a preservação do que já nasce digital, da informação que já é produzida pelo homem no meio digital. Ela não tem uma materialidade, como o papel, que pode ser conservado de maneira passiva por muitos anos. Quando se trata o objeto digital, não se tem uma preservação vigiada, e se não há uma atualização constante com os recursos previstos, ele fica inacessível. A minha preocupação é: o que nós vamos levar para as gerações futuras?

Essa preocupação é unicamente dos restauradores?

Não, é uma área interdisciplinar, onde é muito importante não só a participação do conservador, mas de arquivistas, historiadores, gestores, cientistas da computação, pessoas ligadas à área de tecnologia da informação, todos juntos visando à preservação, à gestão e o acesso a essa informação que nasce digital. Com a implantação recente da lei de acesso à informação, o que me parece é que esse problema se avoluma pela quantidade de informação que vem sendo gerada pelos órgãos e entidades da administração pública e a falta de previsão na própria lei de acesso à informação com relação à gestão e preservação dessa informação.

E para as pessoas que não conhecem o ramo da restauração, no dia a dia, existe uma preocupação ou essa é uma realidade muito distante?



Cada vez mais pesquisadores falam de sermos preservadores de nós mesmos, porque, se nós tiramos uma fotografia com nossa câmera digital, com o nosso celular e não somos capazes de, depois salvá-la no computador, dar um nome para que seja identificada, incluir metadados para saber que aquela imagem foi gerada naquele determinado momento, daqui há cinco ou dez anos isso pode estar completamente perdido. Então, é muito importante que todas as pessoas tenham o interesse pela memória social e aprendam a lidar com essas questões impostas pelas tecnologias de informação e comunicação.

Qual sua visão sobre o momento atual que vive a restauração?

Estou na área desde 1982 e o que percebo, de uma maneira otimista, é que, no Brasil, nós avançamos cada vez mais no sentido de dar visibilidade às nossas ações. Mas existem questões da nossa profissão, que ainda não é regulamentada, que acabam por torná-la um pouco mais opaca, com pouca visibilidade junto aos órgãos e entidades da administração pública. Precisamos, então, cada vez mais, desses eventos e de organizá-los para que sejamos reconhecidos.

Luiza Marxiellen



Rafael Abib. Depois da briga, 2005. (Detalhe)

Rafael Abib. Verão, 2004. (Detalhe)

PROJETOS ARTE NO CAMPUS

Através de projetos inéditos de iniciativa própria ou em parceria com outras unidades acadêmicas, a Pró-reitoria de Cultura da UFJF tem investido em arte no *campus*. Além do *Som de Domingo*, que estreou em maio, estão em curso duas novas propostas: *Palco Provisório* e *Arte Sobre a Mesa* – esta última, uma parceria da Pró-reitoria de Cultura com o Restaurante Universitário e a Pró-reitoria de Assuntos Acadêmicos.



Idealizado pelo Pró-reitor de Cultura Gerson Guedes e pelo professor do bacharelado de Música Luis Leite, o *Palco Provisório* tem como objetivo dar oportunidade a alunos e recém-formados de mostrarem seu trabalho em um espaço público de grande visibilidade como a Universidade Federal de Juiz de Fora, além de dar chance ao público em geral de entrar em contato, em seu momento de lazer, com a qualidade de músicos formados na universidade.

A apresentação de estreia do projeto foi em 7 de julho, no Centro de Vivência, com o grupo *Rafael Gonçalves Trio*, que trouxe a quem passava pelo *campus* um repertório eclético com composições próprias e

interpretações jazzísticas para ritmos como samba, bossa nova e baião. “Acredito que esse projeto tende a ampliar a visibilidade do curso de Música da UFJF e o interesse das pessoas pela música de qualidade, popular e erudita”, afirmou Rafael, em entrevista ao *Palco*. Segundo o graduando de Música, o *Palco Provisório* é uma oportunidade de os alunos mostrarem seu trabalho e o resultado dos estudos.

Na segunda edição, no dia 28 de julho, se apresentaram Nara Piniheiro, estudante do 5º período de Bacharelado em Flauta Transversa, e Chadas Ustuntas no violão, enquanto na terceira edição do projeto, no último dia 4 de agosto, foi a vez de Frederico Grünewald, estudante do 7º período de Violão, e Luane Voigan, estudante do 7º período de Canto. Para o professor Luis Leite, as parcerias do Curso de Música da UFJF com a Pró-reitoria de Cultura têm se mostrado muito frutíferas e positivas, tanto para a comunidade acadêmica, quanto para Juiz de Fora: “Iniciativas como essa são uma ótima plataforma para os alunos do curso (portanto, novos artistas em processo de amadurecimento) mostrarem o trabalho que está sendo realizado, praticarem performance musical e ganharem experiência de palco”.

ALMOÇO COM ARTE

A ideia do projeto *Arte Sobre a Mesa* é transformar o almoço de alunos, professores e funcionários da universidade em um momento de descontração e aproveitar o espaço do Restaurante Universitário para dar oportunidade a docentes e discentes da UFJF de exporem seus talentos. O projeto, que abarca exposições, teatro, música, lançamentos de CD e outras atividades culturais, será oficialmente aberto em agosto com a exposição de pinturas de Rafael Abib, aluno do Instituto de Artes e Design falecido em 2008. Sete óleos sobre tela do artista foram recuperados pelo Laboratório de Conservação e Restauração de Pintura e Escultura do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) especialmente para o projeto.

Raíra Garcia

FÉRIAS DIVERSÃO NO MUSEU

As férias de julho são um dos períodos mais aguardados do ano por boa parte das crianças. A fim de tornar essa época muito mais proveitosa tanto para os pequenos, quanto para os pais, que muitas vezes não possuem opções de passeio e entretenimento para os filhos, o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) promoveu, entre os dias 16 a 19 e de 23 a 26 de julho, sua Colônia de Férias, com atividades que intercalaram cultura e brincadeiras. O objetivo do projeto, idealizado e promovido pelo Setor Educativo, não foi apenas tornar o período de recesso escolar mais divertido, mas também educar, fazendo com que as crianças aprendam fora das salas de aula.

De acordo com o arte-educador Vinícius Steinbach, o projeto tem a intenção de aproximar o público infantil do Museu e suas exposições, “promovendo atividades divertidas e que as façam olhar para os quadros de uma maneira diferente”. As vagas disponibilizadas para a Colônia se esgotaram em poucas horas.

Para um primeiro contato, foi promovida uma “caça às obras”, na qual as crianças seguiram pistas espalhadas pelo jardim com a finalidade de encontrar peças escondidas. Na visão de Bruno Hass Alves Moreira, de 8 anos, a atividade ensinou que é preciso ter atenção e cuidado com as obras em exposição: “Com a caça aos quadros, aprendi que temos que ter atenção e tomar cuidado com os quadros do museu. Aprendi sobre a cidade e vi as paisagens antigas”, disse. Bruno contou que foi ele mesmo quem sugeriu a opção da colônia de férias para a mãe, pois “ficar em casa assistindo [à] televisão durante as férias é chato; aqui fiz novas amizades e me diverti com outras crianças.”

A oficina de pintura também agradou e fez com que a garotada observasse detalhadamente o ambiente para que, com isso, transmitisse



para a tela uma paisagem vista. Já o passeio ao Morro do Cristo divertiu bastante, deixando todos agitados e empolgados. Na programação da Colônia, também foram proporcionados uma oficina de colagem, um jogo envolvendo a exposição *Verbo e Cor*, além de uma roda de contação de histórias.

A professora Aline Elisa de Castro Souza conta que, durante as férias, não viaja e, por isso, sempre busca atividades fora de casa para a filha Maria Clara, 6 anos, pela possibilidade de fazer com que ela comece a se interessar pela arte. “Muitas vezes, as crianças pensam que museu e obras de arte são coisas chatas e de adultos, mas essa iniciativa de promover atividades relacionadas à cultura é importante para semear o interesse da criança e estimular desde cedo o contato necessário com esse meio.” Aline ressalta ainda que, todos os dias, a filha chega em casa animada e contando uma novidade: “As atividades promovidas despertam o interesse da Maria Clara, estimulam a criatividade e a visão do lúdico”, avaliou.

Jéssica Vitorino

AGENDA

UFJF | PROCULT

Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Campus Universitário
(32) 2102-3965
www.ufjf.br/procult

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/n
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

03, 19h Notícias Populares –
Melhores do Mundo

17, 21h Miss Brasil Gay

29, 20h O lago dos Cisnes – Balé
do Teatro Municipal do RJ

MAMM MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070

www.ufjf.br/mamm

Terça a sexta: 9h às 18h

Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

*Juiz de Fora Verbo e Cor – Das
origens ao início do século XX*
Galerias Retrato-relâmpago e
Poliedro

*A obra e a coleção: aproximações
em Murilo Mendes*
Galeria Convergência

LEITURAS TEMÁTICAS

16, 19h Lançamento de livro – *A
folha como o véu*, Luiz Fernando
Medeiros de Carvalho

20, 19h Lançamento de livro –
Pássaros Poemas, de Tavinho
Moura

II ENCONTRO DE EDUCADORES DE MUSEUS BRASILEIROS

27, 19h Museu Imperial de
Petrópolis

PRÓ-MÚSICA

Av. Barão do Rio Branco, 2.329
(32) 3216-4787
www.promusica.org.br

EXPOSIÇÃO

12 a 31 *Percepções* – Curadoria
Ricardo Cavalcanti
Galeria Renato de Almeida

TERÇAS MUSICAIS

13, 20h *Piano solo, choros e
canções* – Márcio Hallack
Teatro Pró-Música/UFJF

CLÁSSICOS PRÓ-MÚSICA

29, 20h *Quarteto Villani*
Teatro Pró-Música/UFJF

ESPAÇO CULTURAL DOS CORREIOS

Rua Marechal Deodoro, 470

EXPOSIÇÃO

03.08 a 14.09 *A arte indígena de
Victor Brecheret*

MAPRO

Rua Mariano Procópio, 1.100,
Mariano Procópio
(32) 3690-220

25, 16h *Música no Parque* com
Lúdica Música!



MURILO MENDES POETA DE CULTURA

Em exposição até 29 de setembro na Galeria Convergência, a mostra *A obra e a coleção: aproximações em Murilo Mendes* revela ao público não apenas a faceta de colecionador e crítico de arte do poeta juiz-forano, mas também serve de introdução ao complexo pensamento estético do artista. No recorte do acervo pessoal de Murilo Mendes exposto, encontram-se obras de Joan Miró, Pablo Picasso, Candido Portinari, Piero Dorazio, Oswaldo Goeldi, Viera da Silva, Ismael Nery e muitos outros nomes importantes da arte moderna, do Brasil e do mundo. Ao todo, são 54 trabalhos de 36 artistas. Embora esta constelação por si signifique muito, seu valor cultural aumenta quando compreendemos o significado que Murilo Mendes vislumbrava nas obras, tanto individualmente quanto no conjunto.

Como ressalta a pesquisadora Martha Moraes Nehring em um dos textos-base para concepção da mostra (*Murilo Mendes: crítico de arte: a invenção do finito*), "para o poeta, arte tinha uma missão a cumprir: oferecer uma alternativa a um progresso que deixava de lado valores humanistas, relegando o homem à condição de objeto descartável" (Nankin, 2002). De fato, inúmeras vezes Murilo Mendes ressalta o que ele chama "de papel civilizador da arte". Na visão de mundo do poeta, a arte realiza uma função não meramente estética, no sentido da apreciação superficial e técnica dos objetos e das obras, mas antes seria investida de um caráter pedagógico. O papel educador consistiria em reconduzir o homem à consciência de sua real dimensão no mundo, isto é, de retornar àquela vida interior de dimensão metafísica que o pragmatismo e a industrialização do século XX acabaram suprimindo.

Exemplo concreto desta cosmovisão é o comentário de Murilo sobre uma das obras que integram a mostra, *Os Manequins*, de Giorgio De Chirico. "Alguns poemas da minha fase inicial descendem – direta ou colateralmente – do primeiro De Chirico, aquele dos manequins, dos interiores metafísicos, do deserto melancólico das praças, italianas ou não, transpostas a uma situação particular de sonho; o poeta da Grécia heterogênea, mental e plástica, infinitamente recomeçada, onde o absoluto serve o relativo. Pintura, certo, de evasão, de recriação da memória, mas com implicações revolucionárias: contra o domínio da mecânica, contra a prepotência da razão, contra certos postulados da civilização burguesa."

Com efeito, indicadores como duas guerras mundiais e o risco de uma hecatombe nuclear serviram de sinal para o poeta de que algo não ia bem no homem moderno. Nesse contexto beligerante, obras que expressassem a tensão da vida humana tinham o efeito terapêutico de elucidar as circunstâncias, lembrando o que importa. Oportuno exemplo são os versos dedicados a Oswaldo Goeldi. "Oswaldo gravas/A ti mesmo, ao teu ofício/Gravas a pobreza, o vento, a dissonância, A rude comunhão dos homens no trabalho/gravas o abandono, o triste, o único/O peixe que te mira quase humano/ É hora de morrer."

Em Giuseppe Capogrossi, o crítico Murilo Mendes enxergava o olhar do gênio que redescobre em outras épocas o vocabulário expressivo para um problema atual. "Na

pintura de Capogrossi, não percebo um signo inspirado na pré-história, mas um signo alusivo ao homem do labirinto moderno manifestado na sua rigidez. O artista, que conhece o charme do arcaísmo, soube inventar seu próprio modo arcaico, inserindo-o na modernidade. Rejeitando também a ideia de monotonia, proponho antes da verdade martelada: Capogrossi contém-se, obedecendo a uma lógica impecável no tratamento da cor e do desenho."

A irrefreável reflexão sobre as artes fez com que outro grande crítico, José Guilherme Merquior, classificasse Murilo Mendes como "poeta de cultura". "Todos os poetas são, por natureza, agentes e criadores culturais. Mas nem todos são poetas de cultura, isto é, nem todos sabem fazer da matéria cultural o cerne de sua temática lírica", afirmava Merquior, em um ensaio de 1987.



Capogrossi, Giuseppe. Óleo sobre tela

SINAIS DO DIVINO

A atuação cultural de Murilo Mendes como crítico não deve ser compreendida no sentido do exercício de um mero papel social. A função desempenhada pelo poeta juiz-forano fugia a qualquer formalismo e revelava o interesse sincero de quem encontrou no mundo em pânico os sinais concretos da vida divina. De fato, a posição de Murilo se assemelha à imagem do amante genuíno que não apenas conserva o objeto do seu amor, mas antes deseja admirá-lo na dimensão integral do seu ser, manifesto nas suas diferentes formas e nos seus diversos frutos.

As concepções estéticas de Murilo fecundaram em outras formas artísticas que não apenas sua área de atuação "profissional", que foi a literatura. Prova inequívoca dessa atuação inspiradora é o testemunho do pintor Piero Dorazio, um dos ícones do abstracionismo italiano e amigo do poeta: "Nas muitíssimas páginas que Murilo dedicou à obra de tantos artistas italianos, o que surpreende sempre é o modo original como que ele consegue traduzir sensações, espaços, luzes e cores em palavras, que no entanto os não descrevem, mas antes exprimem a sua substância intrínseca em termos poéticos."

Thauan Monteiro